



*REP's - Revista Even. Pedagógica.*

Número Regular: Práticas discursivas e concepção/ensino-aprendizagem de língua(s) na contemporaneidade

Sinop, v. 10, n. 2 (27. ed.), p. 847-854, ago./dez. 2019

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

## A QUESTÃO DE GÊNERO:

### o professor gênero masculino na educação infantil<sup>1</sup>

## A GENDER ISSUE:

### the male teacher at early childhood education

Nisete Pinheiro da Silva

## RESUMO

O artigo aborda a questão de gênero masculino na educação infantil. Teve como objetivo investigar as concepções que são produzidas sobre o papel do professor em sala de aula. Esta pesquisa teve como aporte teóricos Debora Thomé Sayão e Guacira Lopes Louro. A metodologia utilizada foi abordagem qualitativa, com entrevistas semiestruturada com professores do gênero masculino, pais, acadêmicos e a coordenadora da educação infantil do município de Sinop, Mato Grosso no ano de 2019. Concluiu-se que há preconceito em relação ao gênero masculino na educação infantil, porém os sujeitos envolvidos não interpretam essas concepções como preconceito.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Gênero Masculino. A Questão de Gênero. Abordagem qualitativa. Debora Thomé Sayão. Guacira Lopes Louro.

## ABSTRACT<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A QUESTÃO DE GÊNERO: O PROFESSOR GÊNERO MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**, sob a orientação do Dr. Roberto Alves de Arruda, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2019/1.

<sup>2</sup> Resumo traduzido pela Professora Mestra Betsemens Barbosa de Souza Marcelino. Graduada em Licenciatura Plena em Letras, Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop, 2013. Mestra em Estudos de Linguagens pela UFMT/Cuiabá, 2015. Professora interina do Curso de Letras da UNEMAT/Sinop.

This article addresses the issue of the male gender at early childhood education. Its objective was to investigate the conceptions that are produced related to the male teacher's role in the classroom. This research had as theoretical framework Debora Thomé Sayão and Guacira Lopes Louro. The methodology used was a qualitative approach, with semi-structured interviews with male teachers, parents, academics and the supervisor of Early Childhood Education of Sinop City/Mato Grosso state in 2019. It was concluded that there is prejudice regarding male gender acting as teacher at early childhood education, but the subjects involved do not interpret these conceptions as prejudice.

**Keywords:** Early Childhood Education. Male gender. A gender issue. Qualitative approach. Debora Thomé Sayão. Guacira Lopes Louro.

Correspondência:

**Nisete Pinheiro da Silva.** Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e linguagem (FAEL). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: [nizetepinheirodasilva@hotmail.com](mailto:nizetepinheirodasilva@hotmail.com)

Recebido em: 21 de outubro de 2019.

Aprovado em: 8 de novembro de 2019.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3713/2620>

## 1 INTRODUÇÃO

Abordaremos neste artigo a questão de gênero masculino na educação infantil. A questão que se coloca não é apenas a de gênero, mas para além da discussão do homem na educação infantil. Para tanto trouxemos o seguinte questionamento: que concepções são produzidas sobre o professor, gênero masculino na educação infantil? Quais são as implicações que interferem na atuação do professor no espaço pedagógico da educação infantil e as motivações de sua escolha profissional?

A pesquisa foi realizada no período de abril a junho de 2019 em duas escolas de Educação Infantil e uma de Ensino Fundamental, sendo entrevistados um pai e uma mãe, três acadêmicos da Universidade, três professores da rede municipal de ensino e a coordenadora da Secretaria Municipal de Educação do município de

Sinop - MT. Teve como objetivo investigar as concepções que são produzidas sobre o papel do professor, gênero masculino no espaço da educação infantil, a respeito das dificuldades encontradas por eles nessa área.

A metodologia aplicada foi de pesquisa bibliográfica com base em textos, artigos científicos e lista de questionários a serem aplicados a professores, pais e acadêmicos da UNEMAT - do câmpus de Sinop com foco no tema, assim como pesquisas a serem realizadas na internet com a mesma finalidade, sendo considerada também pesquisa bibliográfica. Sayão (2005) realizou uma série de investigações em diferentes países e com raríssimas exceções o percentual de homens atuando como docente em instituições de zero a seis anos, ultrapassava 6% do total de docentes.

Entendendo que o professor gênero masculino é minoria nessa etapa do ensino básico, partimos em busca de materiais bibliográficos, pesquisas que tratassem deste tema e que trouxessem pontos para integrar a discussão e analisar a necessidade de se considerar as relações de poder entre mulheres e homens, e como elas se entrelaçam na lógica do mercado. Nesta temática de pesquisa, a **Revista Eventos pedagógicos – REP’S** já publicou sobre o assunto, na perspectiva **As Relações de Gênero e a Docência Masculina na Educação Infantil**, Jordiel Pereira da Silva, em 2018. Nesta mesma perspectiva é que realizamos a pesquisa.

## **2 AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: a figura masculina na profissão de pedagogia**

Com artigos, textos e demais tipos de noticiários acerca da presença desse pré-conceito na sociedade moderna, se fez necessário elaborar um trabalho de cunho científico para arguir subsídios comprobatórios da necessidade de uma conscientização de modo geral, na sociedade, a fim de alcançar uma igualdade entre os gêneros no que tange a educação infantil. Segundo Rosemberg (1999, p. 11):

A educação infantil - tanto na vertente creche quanto na vertente pré-escola - é uma atividade historicamente vinculada à 'produção humana' éconsiderada de gênero feminino, tendo, além disso, sido sempre exercida

por mulheres, diferentemente de outros níveis educacionais, que podem estar mais ou menos associados à produção da vida e de riquezas. Isto é, diferentemente de outras formas de ensino, que eram ocupações masculinas e se feminizaram, as atividades do jardim-de-infância e de assistência social voltadas à infância pobre iniciaram-se como vocações femininas no século XIX, tendo ideais diferentes das ocupações masculinas que evoluíam no mesmo período.

Partindo desta compreensão podemos dizer que a atividade da educação infantil por décadas foram cargos ocupados por mulheres e que ao passar dos anos e as evoluções sociais e trabalhistas, fizeram com que o homem viesse a considerar a profissão de educador como algo normal ao gênero, havia um preconceito envolto aos homens assumirem essa profissão.

Vê-se também que a maioria dos docentes do gênero masculino que atuam principalmente na educação infantil, entram por meio de concurso público, por qual motivo então isso acontece? Quais seriam os motivos que pelos quais não são contratados pelas escolas? Seria por preconceito da própria gestão, receio sobre o que os pais desses alunos iriam pensar ao chegar na escola e ver um homem na sala de seu filho/a. E quando conseguem ser contratados quais as dificuldades encontradas, como eles tem que agir diante de situações incertas com as crianças.

Segundo Silva (2014, p. 16):

Esse profissional mesmo apresentando uma boa formação acadêmica dificilmente consegue trabalhar nesta área a não ser que seja através de concurso público, mesmo assim, tendo que lidar com preconceitos, tendo que provar diariamente sua capacidade e “verdadeiras intenções” devido a estar atuando junto às crianças de pouca idade, enfrentando várias reações negativas dos pais, as críticas do corpo docente da escola, o modo como a sociedade o vê, e questões relacionadas ao cuidar e o ensinar.

Historicamente, a baixa presença do gênero masculino na educação infantil pode estar relacionada às questões assistencialistas as crianças, cuja estão relacionadas ao gênero feminino como, o banho, alimentação, troca de fraldas etc.

Segundo Sayão (2005, p. 16):

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. [...] os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos.

A questão do tratamento e os cuidados diferenciados que se exige na educação infantil com as crianças que em alguns casos causam certo constrangimento por parte do profissional do sexo masculino quanto para os familiares, tendo em vista que muitas atividades envolvem o toque. Sayão (2005, p. 261) sobre as dificuldades que moldam a postura do professor homem quando descreve “[...] o corpo masculino considerado sexualmente ativo deve ser privado de contatos mais próximos com as crianças. Poucos profissionais conseguem ultrapassar tais dificuldades. Muitos preferem aderir à cultura institucional”. Isso causa receio nos docentes que preferem não assumir a prática.

### **3 EXPLORANDO AS ENTREVISTAS**

O local pesquisado possui 139,935 habitantes. Trata-se de Sinop, um município no interior do Estado do Mato Grosso e conta com 24 escolas que atendem o ensino infantil, sendo 12 municipais e 12 privadas. De acordo com a entrevista a coordenadora de educação infantil afirma que:

**(01) Coordenadora 1:** Na educação municipal existem cerca de 282 profissionais atuantes, mas apenas 5 profissionais são do gênero masculino.

Apesar da disparidade significativa em relação a presença do homem na educação infantil a coordenadora em entrevista assegura:

**(02) Coordenadora 1:** [...] o ingresso dos profissionais para estar atuando em sala é através de concurso público ou teste seletivo, então o que ocorre, se é concurso chamou e têm a vaga o professor optar de estar indo para a escola de educação infantil aí é opção dele. Do teste seletivo igual, você faz o teste seletivo têm a classificação, se na hora de você assumir aqui, a vaga for na educação infantil esse profissional vai para a educação infantil, então a gente não tem critérios, aí é a questão da classificação do profissional.

Quando questionada sobre alguma interferência positiva ou negativa da presença do homem na educação infantil a coordenadora reitera que:

**(03) Coordenadora 1:** Eles gostam demais [os alunos], então esta questão da não aceitação da figura masculina eu desconheço, eu acho assim, as crianças elas pegam uma afetividade muito grande por eles, até porque a gente percebe que têm muitas crianças que não têm a presença masculina na família, as vezes é a mãe que cuida sozinha, então é assim eu não conheço esta questão de falar ah a criança não aceita, ou a secretaria faz seleção, isto não existe.

Entretanto, durante a entrevista ela comenta sobre o remanejamento de alguns professores:

**(04) Coordenadora 1:** O que a secretaria ela tenta fazer é que essa figura masculina ela fique com as crianças maiores, até porque as famílias elas têm um olhar assim bem diferenciado para os profissionais homens de 0 a 3 anos justamente no momento do banho, porque esse momento é bem específico [...].

Goellner (2010, p. 75), nos estudos sobre as representações de gênero destaca que:

[...] não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino. Em outras palavras, o corpo é generificado, o que implica dizer que as marcas de gênero se inscrevem nele.

Desta forma, se as marcas de gênero se inscrevem no corpo, espera-se que o homem professor seja um abusador em potencial, por isso a preocupação da gestão em encaminhá-lo para turmas maiores para evitarem problemas. Sayão (2005, p. 189) afirma, “o que ‘capacita’ as mulheres a tocarem nos corpos das crianças e gera a desconfiança quanto ao abuso dos homens é que as primeiras controlariam sua sexualidade, enquanto os homens seriam incontroláveis.”

Os acadêmicos de pedagogia entrevistados cujas falas serão interpretadas a seguir são atuantes do estágio supervisionado em educação infantil, disciplina obrigatória do referido curso exercem suas atividades em escolas e creches públicas da cidade de Sinop. Foi perguntada a origem de sua opção profissional, seus planos

sobre atuação na educação infantil e suas opiniões sobre a presença de homens numa profissão majoritariamente feminina. O acadêmico afirma que:

**(05) Acadêmico A:** [...] o cuidado daqueles conceitos de afetividade, que encontramos em alguns autores como Wallon e tudo mais, me encantaram bastante, algo bem rico, eu notei em questão de teoria na educação infantil, principalmente na educação infantil, e isso foi se concretizando na prática.

Sobre o desejo de atuar na educação infantil, o acadêmico declara que:

**(06) Acadêmico A:** [...] isso é algo que já vêm sendo semeado dentro de mim, é desde das matérias introdutoras que dizem respeito a educação infantil, e traz a questão do cuidado, porque essa parte do cuidado me toca muito, é algo que me envolve, então sim, com certeza, eu pretendo atuar na educação infantil, e lutar pelo meu direito de atuar na educação infantil [...]

Outro acadêmico, entretanto, parecia se colocar no interior da profissão de maneira distinta que identificou como feminina. Ele declara que:

**(07) Acadêmico B:** [...] na área de educação infantil eu nunca quis trabalhar porque eu penso que é uma área mais para a mulher é mais para pedagoga, por causa (sic) que as crianças são muito pequenininhas ainda e as crianças estão saindo, querendo ou não agora que estão começando a sair de casa, que está deixando para ir trabalhar, então eu vejo que é uma área assim que precisa de mais dedicação e que é uma área mais voltada mais para as mulheres.

Este trecho reflete ideais de feminilidade e masculinidade que ainda estão intrínsecos no comportamento de professores do gênero masculino que por vezes acabam reforçando estereótipos a respeito da masculinidade e do professor homem. Em relação as possíveis consequências do sexo do professor ou professora para o aprendizado e a socialização de meninos e meninas.

O professor acredita que a universidade prepara um todo e os pedagogos têm que estar preparados para trabalhar em todas as áreas:

**(08) Professor B:** [...] o professor vai ter que decidir aonde ele vai, e procurar se adaptar ao melhor, mas a universidade fazer algo especialmente para o homem não, daí ela está classificando, o pedagogo vai fazer o curso de pedagogia ele já é preparado para o professor todo.

Dentre o questionário feito aos professores e acadêmicos em relação a continuidade do trabalho na educação infantil e a escolha da carreira educacional, é possível vincular a entrada do homem na educação infantil como opção de trabalho. O professor sustenta a falta de opção:

**(09) Professor A:** No meu caso eu escolhi pedagogia porque lá em Juara o quadro é diferente, porque lá só tem pedagogia [...] hoje eu acho que têm outro curso na UNEMAT, então muitos homens e muitos rapazes saem do ensino médio e já ingressam na pedagogia, não tem outra opção, aqueles que não têm condição de sair para outra cidade, faz lá mesmo.

Outro professor também alega que:

**(10) Professor B:** À priori eu sempre trabalhei com o ensino fundamental, devido à uma situação que eu trabalhava em um assentamento fechou a escola municipal e veio para o estado. A escola mais próxima do meu sítio ficava a creche do camping clube, aí eu optei a trabalhar na educação infantil.

Ou seja, nenhum cogitou ser professor da educação infantil como um plano concreto no início da caminhada profissional. Esta surge devido a fatores econômicos e sociais que acabam imbricados nas suas escolhas:

**(11) Professor B:** Eu escolhi o curso de pedagogia por não ter condições de pagar uma faculdade particular, porque meu sonho sempre foi fazer educação física, então por eu não ter condições eu resolvi fazer o ENEM e me inscrevi no SISU para fazer o curso de pedagogia [...]

Sobre a inserção inicial no contexto escolar quando já existem docentes homens

atuando na escola a inserção nesse espaço muitas vezes é facilitada. Ou mesmo a normalidade do estranhamento dos pais e alunos quando houve seu primeiro contato com a sala de aula, principalmente quando a comunidade escolar seja em sua grande maioria composta por mulheres desenvolvendo tanto os cargos docentes quanto de gestão e apoio.

**(12) Professor B:** [...] houve o primeiro impacto normal, homem na educação infantil, mas preconceito não, muitas pessoas ficam admiradas. Um homem na educação infantil? Seria a mesma coisa uma mulher na educação infantil, eu não sinto essa dificuldade, nem o preconceito, as pessoas aí que legal, que legal trabalhar lá, porque a gente quebra uma barreira né!

Para compreender essas distintas representações, sustentamos as nossas análises em um conceito de gênero em Sayão (2005, p. 66) afirma que:

O mesmo choque em relação a objetos deslocados de sua função primeira, que nos desequilibram quando aparecem fora de seu lugar interferindo em nossas estruturas simbólicas, pode acontecer quando identificamos sujeitos que estariam aparentemente fora de seus lugares ou espaços cindidos por gênero. A chegada de um homem num espaço dominado por mulheres e supostamente feminino produz uma sensação de deslocamento, desconfiança e incômodo.

Uma das explicações para essas suspeições é a de que, na maioria das vezes, a formação inicial em Pedagogia e, também, nas demais licenciaturas, raramente aborda as relações de gênero e a sexualidade em seus currículos. (JAEGER; JACQUES, 2017). É necessária uma formação que aborde as relações educativas, ou seja, relações essas permeadas por questões de gênero, bem como de etnia e classe.

Louro (1998, p. 77) acredita que a escola é transpassada pelas definições de gênero e, principalmente, pelas definições de homem e masculinidade:

A escola, como um espaço social que foi se tornando, historicamente, nas sociedades urbanas ocidentais, um locus privilegiado para a formação de meninos e meninas, homens e mulheres, ela própria, um espaço é, um generificado, isto espaço atravessado pelas representações de gênero.

É importante nos atentarmos ao fato de que a escola ainda que seja um ambiente de reprodução dos caracteres desiguais presentes no capitalismo, se mostra um ambiente de trabalho ideal em que as concepções de gênero, de masculinidade e feminilidade sejam constantemente debatidas.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa se justifica como relevante por levantar as representações sociais e sobre o motivo de ter poucos homens atuando como professores nesta etapa da Educação Infantil.

A educação infantil reconhecendo a criança como cidadão que possui aspectos intelectuais, afetivos, sociais etc., faz com que esse novo olhar do professor gênero masculino, possa contribuir e somar para um melhor resultado e capaz de gerar diálogos e aproximações que são necessários para romper com os preconceitos socioculturais decorrentes da profissão e ideias pré-concebidas sobre a atuação do homem com o cuidado e a educação.

A experiência adquirida durante o período da pesquisa me proporcionou conhecimentos que até então desconhecia, essa relação dos cuidados com a criança e o gênero do profissional da educação infantil e os preconceitos envolvidos a essa relação abriu a minha mente me constituindo um ser mais crítico. Portanto só agradeço a todos que me ajudaram no desenvolvimento deste trabalho elevando meus pensamentos enquanto pesquisadora.

#### **REFERÊNCIAS**

ACADÊMICO A. **Acadêmico A**: depoimento [09 abr. 2019]. Pesquisadora: Nisete Pinheiro da Silva. Sinop, MT, 2019. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a educação em Sinop.

ACADÊMICO A. **Acadêmico B**: depoimento [09 abr. 2019]. Pesquisadora: Nisete Pinheiro da Silva. Sinop, MT, 2019. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a educação em Sinop.

COORDENADORA 1. **Coordenadora1**: depoimento [06 jun.2019]. Pesquisadora: Nisete Pinheiro da Silva. Sinop, MT, 2019. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a educação em Sinop.

GOELLNER, Silvana V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 2, p. 71-83, 2010.

LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação**. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1998.

PROFESSOR A. **Professor A**: depoimento [06 maio 2019]. Pesquisadora: Nisete Pinheiro da Silva. Sinop, MT, 2019. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a educação em Sinop.

PROFESSOR B. **Professor B**: depoimento [07 maio 2019]. Pesquisadora: Nisete Pinheiro da Silva. Sinop, MT, 2019. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a educação em Sinop.

JAEGER, Angelita Alice; JACQUES, Karine. Masculinidades e docência na educação infantil. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 545-570, ago. 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2017000200545](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000200545). Acesso em: 20 fev. 2019.

ROSEMBERG, Fúlvia. Expansão da educação infantil e processos de exclusão. **Cadernos de pesquisa**, n. 107, jun. 1999.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil**: um estudo de professores em creches. Tese de (Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2005.

SILVA, Angela Cristina. **Reflexões sobre o professor do sexo masculino na educação infantil**. São Gonçalo, RJ, 2014. Disponível em: <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/Monografia.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2019.

SILVA, Jordiel Pereira. As relações de Gênero e a Docência Masculina na Educação Infantil. **Revista Eventos pedagógicos**, Sinop, v. 9, n. 3 (25. ed.), p. 987-1001, nov./ dez. 2018. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>. Acesso em: 10 out. 2019.